

A MÚSICA COMO POTÊNCIA NA/PELA INTERCULTURALIDADE DE SURDOS E OUVINTES EM UMA SALA DE AULA REGULAR

Letícia Dell' Osbel¹
Laisa de Castro Almeida²

RESUMO

A música está atrelada à ideia hegemônica de que só pode ser sentida e ouvida pelo órgão auditivo. Aliado a isso, ao longo dos anos, os surdos foram e continuam sendo assujeitados pela deficiência auditiva, ou seja, pela falta e impedimento de algo. A proposta deste artigo é pensar como a música pode ser um artefato riquíssimo de possibilidades para ser explorado na sala de aula regular, entre surdos e ouvintes. Por meio de diferentes práticas pedagógicas foi possível contribuir com uma educação na/pela interculturalidade, transgredindo os assujeitamentos do surdo como incapaz de sentir e vivenciar a música. Nossa aliança teórico-metodológica está voltada à perspectiva pós-estruturalista, uma vez que permite olhar o mundo sem uma verdade única ou sem uma forma privilegiada de analisá-lo. Utilizamos autores como Walsh (2009), Menezes (2008), Paula e Pederiva (2018) e Glennie (2003) para problematizar a música como uma possibilidade potente de mobilizar a interculturalidade em uma sala de aula regular. As problematizações aqui apresentadas são resultados de experimentações com a música que culminaram em apresentações artísticas e na produção de vídeos com a interpretação de músicas em LIBRAS. Nesse sentido, o artigo fomenta a necessidade de um pensar e agir pedagógico com vistas a fortalecer práticas pedagógicas voltadas a uma educação intercultural entre surdos e ouvintes.

Palavras-chave: Educação, Interculturalidade, Música, Surdos, Ouvintes.

INTRODUÇÃO

Música para surdos? Este questionamento causa estranhamento e muitas controvérsias. A música é vista como um artefato da cultura ouvinte e ainda está atrelada à ideia hegemônica de que só pode ser sentida e ouvida pelo órgão auditivo. Aliado a isso, ao longo dos anos, os surdos foram e continuam sendo assujeitados pela deficiência auditiva, ou seja, pela falta e impedimento de algo. Segundo Paula e Pederiva (2018, p. 65),

falar e pensar a música para além do ouvido abre uma possibilidade de compreendermos, com as pessoas surdas, como esse processo acontece. Ao desvincularmos a música da orelha, surge um novo caminho, um olhar para esse sentido do ouvir, pois tudo tem som e todas essas coisas o surdo pode ver e perceber.

¹ Mestranda do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, letidelloosbel@gmail.com

² Mestra do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, laisalmd@gmail.com

Nesse sentido, a proposta deste artigo é pensar como a música pode ser um artefato riquíssimo de possibilidades para ser explorado na sala de aula regular, entre surdos e ouvintes, levando em conta práticas pedagógicas que venham a contribuir com uma educação na/pela interculturalidade e que possam transgredir os assujeitamentos do surdo como incapaz de sentir e vivenciar a música.

A educação na/pela interculturalidade pressupõe uma atitude de abertura do ser humano ao outro, “não como conceito mas como ação, movimento” (MENEZES, 2008, p. 8). Este outro, segundo Silva (2000, p. 9), precisa ser visto como outridade: “deixar ser uma outridade que não é outra ‘relativamente a mim’ ou ‘relativamente ao mesmo’, mas que é absolutamente diferente, sem relação alguma com a identidade ou com a mesmidade”. Diante disso, quando entendemos a educação pelo viés intercultural, nos afastamos “de uma perspectiva homogeneizadora da cultura e dos sujeitos, renunciando a uma educação baseada e estruturada em torno de um único modelo de cultura e de sujeito” (MENEZES, 2008, p. 8).

Dessa forma, a presença de surdos e ouvintes na sala de aula regular passa a ser vista como uma dinâmica múltipla, híbrida, fronteiriça, sendo essencial que as relações e as produções de conhecimento sejam pensadas pela interculturalidade. Entendida como um projeto para a construção de modos “outros” de saber, ser e conviver, a interculturalidade propõe “a necessidade de visibilizar, enfrentar e transformar as estruturas e instituições que diferencialmente posicionam grupos, práticas e pensamentos dentro de uma ordem e lógica” (WALSH, 2009, p. 24).

Os estudos iniciais sobre a música foram mobilizados pela problematização e pelo movimento intercultural para/com o outro. O grupo de estudantes ouvintes se perguntava como o colega surdo sentia e vivia a música e, a partir disso, desejou tornar inclusivas as apresentações artísticas da escola.

Em vista disso, apresentamos, neste artigo, experimentações com a música junto a surdos e ouvintes em uma escola regular, analisando o quanto podem ser potentes para promover uma educação na/pela interculturalidade, com vistas a produzir olhares e relações outras com o surdo pelo viés da diferença cultural.

METODOLOGIA

As práticas pedagógicas aqui apresentadas são resultado de uma proposta bilíngue realizada com uma turma de 5º ano da Escola Estadual Fernandes Vieira, da cidade de Lajeado/RS.

Percebendo o interesse dos estudantes em tornar inclusivas ao colega surdo as apresentações artísticas que aconteciam na escola, iniciou-se uma discussão acerca do que o grupo conhecia sobre a produção de músicas para a comunidade surda. A partir desse diálogo, foi possível problematizar a música para além do contexto escolar, pensando o quanto socialmente ela ainda está muito voltada aos ouvintes, uma vez que shows e gravações musicais na televisão, por exemplo, dificilmente contam com a presença de um intérprete para tornar a música acessível ao surdo. O grupo logo citou que no YouTube é possível encontrar interpretações de músicas.

Buscamos continuar essas problematizações com os estudantes assistindo ao filme “A Família Bélier” (2014). Em um breve recorte, o filme aborda a história de uma família francesa composta por pais surdos, um filho surdo e uma filha ouvinte (Paula). Além de apresentar as relações da família com a LIBRAS e os desafios dos surdos no espaço social, a produção cinematográfica tem como centralidade a música, pois Paula possui o dom de cantar. Muitas cenas do filme também mostram as experiências da música pelo viés dos pais e do irmão surdo. Dessa forma, o filme contribuiu para aprofundar nossas discussões sobre a música em uma relação intercultural entre surdos e ouvintes.

Em seguida, foi proposto aos estudantes que acessassem, no YouTube, interpretações em LIBRAS desenvolvidas pela comunidade surda. A partir disso houve uma conversa para ouvir as primeiras impressões do grupo acerca do exercício da interpretação de músicas para surdos. Logo a turma identificou o quão desafiador é este exercício, uma vez que é simultâneo e envolve não só o domínio da LIBRAS, como também as expressões faciais e o corpo como produtor de sentidos.

A turma foi dividida em grupos, de modo que escolhessem uma música de seu gosto musical para iniciarmos os estudos de interpretação em LIBRAS. O processo de estudo das músicas desenvolveu-se por várias semanas. A professora e a intérprete envolveram-se em uma construção coletiva com cada grupo.

Inicialmente, foi elaborada a glosa, que é a escrita da interpretação da música na língua de sinais. Nesse exercício, identificamos que era possível interpretar grande parte das letras musicais apenas com o conhecimento de LIBRAS, no entanto, havia muitas situações que necessitavam do uso de classificadores. Classificadores “desempenham uma função descritiva podendo detalhar som, tamanho, textura, paladar, tato, cheiro, formas em geral de objetos inanimados e seres animados” (QUADROS; PIMENTA, 2006, p. 71).

Assim, exploramos atividades voltadas ao uso dos classificadores e dinâmicas que pudessem mobilizar também o uso das expressões faciais, dialogando com o grupo sobre quanto

o corpo é produtor de sentidos e junto com a LIBRAS atua na produção da música para os surdos.

Após os estudos de cada letra, os grupos iniciaram os ensaios de interpretação. As músicas interpretadas foram apresentadas na escola e surgiu dos estudantes o desejo de elaborar vídeos com estas mesmas músicas. Assim, outra etapa foi iniciada. O processo de gravação foi desafiador porque os estudantes, embora desejassem desenvolver a produção, ficavam ansiosos e nervosos frente à câmera, resultando em várias gravações até ser escolhida a versão final. Os vídeos foram compartilhados com as famílias dos estudantes e com as demais turmas da escola.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para analisar as experimentações com a música em LIBRAS como possibilidades de pensar uma educação intercultural entre surdos e ouvintes, filiamo-nos ao campo dos Estudos Culturais em educação. Nesse viés epistemológico, a cultura não é compreendida como herança, mas como algo produzido corriqueiramente nas relações sociais.

A cultura é um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla. A cultura é, nessa concepção, um campo contestado de significação. O que está centralmente envolvido nesse jogo é a definição da identidade cultural e social dos diferentes grupos (SILVA, 2000, p. 134).

Por esse viés, a cultura surda e a cultura ouvinte não são compreendidas como herança, mas sim como uma produção viva das relações e subjetividades. Relações estas sempre de poder, que tensionam, disputam, negociam constantemente possibilidades de existência.

Os Estudos Surdos, por sua vez, permitirão reconhecer a surdez como uma diferença cultural. Skliar (2005, p. 5) afirma que estes estudos configuram um campo do saber em que “as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas surdas são focalizados e entendidos a partir da diferença, a partir do seu reconhecimento político”. Nesse sentido, os Estudos Surdos, apoiados nos Estudos Culturais, reforçam a existência de uma cultura surda, que, conforme Strobel (2008, p. 24), abarca “o jeito de o surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das ‘almas’ das comunidades surdas”.

Os Estudos Surdos e os Estudos Culturais são pensados como um território de pesquisas e de políticas que viabilizam que os surdos estejam inseridos numa comunidade, com identidades e condições linguísticas e culturais diferentes dos ouvintes, sendo vistos a partir de

uma visão socioantropológica que compreende a surdez como diferença cultural e o ser e estar sendo surdo como uma constituição permanente.

Ao propor as atividades descritas na metodologia, rompemos com as interpretações e as representações de surdez pelas lentes da Educação Especial, já que quando inscritas neste campo “reverberam, mesmo em suas práticas contemporâneas, o entendimento de surdo como indivíduo a corrigir e normalizar” (WITCHES; LOPES, 2015, p. 41). Aproximamo-nos, então, das concepções socioantropológicas que reconhecem a surdez pela presença da diferença cultural e linguística, ou seja, os surdos são vistos como um grupo que é linguisticamente e culturalmente diferente.

Ao escolher os Estudos Culturais e os Estudos Surdos para esta escrita, buscamos (re)constituir novos jeitos de ser e estar sendo surdo, pensando a interculturalidade como possibilidade para novos caminhos de relações e práticas de ensino e de aprendizagem que possam acontecer a partir do encontro com o outro, afinal, “os ouvintes, no mundo dos surdos, também são os outros, os diferentes, com sua alteridade, sua diferença”.

Nossos estudos voltam-se para a escola regular, entendendo que no cotidiano escolar, entre ouvintes, o surdo é alguém que:

Compartilha o tempo todo de uma zona de fronteira que separa, às vezes nitidamente, dois grupos é estar em constante tensão consigo mesmo. Tal forma de vida tensionada implica marcas identitárias combatentes, ou seja, marcas que impulsionam os sujeitos para viverem em luta permanente – com os outros e consigo mesmo – pelo direito de serem surdos nos espaços onde os ouvintes se impõem como maioria (LOPES, 2007, p. 66).

Ainda, nas salas de aulas regulares, a língua portuguesa e a cultura ouvinte são hegemônicas e de ordem dominante, portanto, se faz necessário uma percepção dos educadores sobre esta poderosa engrenagem ao pensar nas relações e saberes que compartilham com seu grupo de estudantes. Faz-se necessário problematizar essas relações assimétricas de saber e de poder, pensando em práticas pedagógicas que encontram brechas, ao “partir as linhas; mudar de orientação; desenhar novas paisagens; promover outras fulgurações” (CORAZZA, 2007, p. 122).

A escolha de explorar a música entre surdos e ouvintes não é uma tentativa de apresentá-la como possibilidade de igualar-se aos ouvintes, mas uma forma de promover brechas, encontrar outros caminhos, problematizando uma verdade instaurada de que a música é apenas do mundo ouvinte. É possibilitar que o surdo também se conecte com a música, uma vez que é um bem cultural de seu tempo, de sua sociedade e produz significados para além do sonoro.

Para Evelyn Glennie, uma surda percussionista de grande destaque em todo o mundo, o desenvolvimento da escuta se dá por meio das vibrações. Para ela, escutar é “[...] se conectar com os sons muito mais profundamente do que dependendo simplesmente do ouvido” (GLENNIE, 2003). É interessante pensar que surdos podem se conectar com a música através de outros sentidos que não só o auditivo.

Kuntze (2014, p. 21) afirma que é necessário atentar para como o surdo gosta de contemplar a música e as relações que opera com ela, uma vez que “entender seus sentimentos, preferências e ambições é essencial para evitar bloqueios e aversões de determinadas atividades, como no caso de música”. Destacamos, assim, o respeito à subjetividade surda, pois cada sujeito é único.

Em virtude disso, nossa aliança teórico-metodológica está voltada à perspectiva pós-estruturalista que permite olhar o mundo sem uma verdade única ou sem uma forma privilegiada de analisá-lo (VEIGA-NETO, 2001), e sim como uma porta aberta à problematização das representações, das práticas pedagógicas que nos são dadas como verdadeiras e estão tão naturalizadas no cenário educacional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho resultou em apresentações artísticas e produção de vídeos que foram compartilhados na escola, mobilizando novas representações e significados sobre a música para surdos. Para além do universo sonoro, as músicas compartilhadas mostraram o quanto esta arte é capaz de reunir outros sentidos, reconhecendo o corpo como produtor de sentidos e significados junto à LIBRAS.

Tais experimentações foram significativas por promoverem a interculturalidade entre surdos e ouvintes, mostrando que a surdez não pode ser vista como falta ou impedimento de algo, mas como uma diferença cultural. É necessário compreender as subjetividades dos sujeitos surdos e respeitar seus desejos.

Outras contribuições enriquecedoras que puderam ser vivenciadas através de práticas bilíngues foram a compreensão das letras musicais escolhidas em ambas as línguas (Língua Portuguesa e LIBRAS), a aquisição de vocabulário em LIBRAS, o conhecimento sobre a glosa e o exercício da interpretação simultânea. Ainda, em todas as situações de ensino e de aprendizagem, foi possível operar a cooperação, reforçando a educação na/pela construção coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta apresentada compreende a educação para além dos processos de escolarização, mas, sobretudo, como “lugar de comunicação, onde a partir dos encontros produzimos saberes diversos, significamos o mundo e nossa própria existência” (MENEZES, 2008, p. 2) com os outros.

Uma existência junto aos outros que pode ser diferente quando está disposta a “produzir abalos; provocar mudanças no que somos capazes de ver e de dizer” (CORAZZA, 2007, p. 122), na forma como nos relacionamos a partir do que já está dado, no já sabido.

A proposta corrobora uma coexistência com o outro na sala de aula regular, distanciando-se de representações e interpretações de surdo e surdez pela anormalidade e pela deficiência.

Na escola, o movimento de ruptura com esses modos de pensar deve ser iniciado e/ou fortalecido, pois os alunos ouvintes só verão as potencialidades psicoculturais dos surdos se forem ensinados a isso e se experienciarem, nos contextos escolares, práticas bilíngues e biculturais, se partirem do reconhecimento da surdez como uma diferença cultural desses sujeitos (não como uma patologia a ser curada) e do reconhecimento da língua de sinais como língua própria da comunidade surda a qual pertencem (FRONZA; MUCK, 2012, p. 99).

O artigo, ao apresentar os significados adquiridos com a música em uma sala de aula regular, problematiza a necessidade de práticas pedagógicas na escola que fortaleçam uma educação intercultural pelo encontro com o outro. Isso também implica o reconhecimento de que “vivemos num contexto de diversidade e pluralismo cultural que nos exige um olhar crítico da realidade da ordem dominante” (SACAVINO, 2016, p. 191).

Portanto, almeja-se que esta escrita possa contribuir para mobilizar um pensar e um fazer pedagógico intercultural em que a música possa ser produzida e vivenciada por todos os sujeitos, problematizando as relações assimétricas de poder e saber entre surdos e ouvintes e as representações de surdez.

REFERÊNCIAS

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. *In*: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 103-127.

GLENNIE, Evelyn. Como ouvir com atenção. **TED Talks**, 2003. Disponível em: https://www.ted.com/talks/evelyn_glennie_how_to_truly_listen?utm_campaign=tedspread&utm_medium=referral&utm_source=tedcomshare. Acesso em: 04 dez. 2021.

KUNTZE, Vivian Leichsenring. **A relação do surdo com a música:** representações sociais. 2014. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, Florianópolis, 10 fev. 2014.

LOPES, Maura Corcini. Flashes da história da educação de surdos e da escola de surdos. *In:* LOPES, Maura Corcini. **Surdez e educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MENEZES, Magali Mendes. Em tempos pós-modernos a educação como lugar de (des)encontros. *In:* FORNET-BETANCOURT, Raúl (org). **Menschenbilder interkulturell. Kulturen der Humanisierung und der Anerkennung** - Concordia Reihe Monographien, Band 48. Aachen: M Verlag Mainz, Wissenschaftsverlang, 2008.

PAULA, Tatiane Ribeiro Morais de; PEDERIVA, Patrícia Lima Martins Pederiva. **Sou surdo e gosto de música:** a musicalidade da pessoa surda na perspectiva histórico-cultural. Curitiba: Appris, 2018.

QUADROS, Ronice; PIMENTA, Nelson. **Curso de Libras 1.** Rio de Janeiro: LIBRAS Vídeo, 2006.

SACAVINO, Susana Beatriz. Educação descolonizadora e interculturalidade: notas para educadoras e educadores. *In:* CANDAU, Vera Maria. **Interculturalizar, descolonizar, democratizar:** uma educação “outra”? Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016. p. 188-202.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In:* SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez:** um olhar sobre as diferenças. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

VEIGA-NETO, Alfredo. Espaços, tempos e disciplinas: as crianças ainda devem ir à escola? *In:* CANDAU, Vera Maria (org.). **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001. p. 9-20.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. *In:* CANDAU, Vera (org). **Educação Intercultural na América Latina:** entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

WITCHES, Pedro Henrique; LOPES, Maura Corcini. Surdez como matriz de experiência. **Espaço**, Rio de Janeiro, n. 43, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/4>. Acesso em: 4 dez. 2021.